

MÍDIA, SAÚDE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO TEÓRICO

Mayanna de Jesus Silva

Instituto Federal do Maranhão, câmpus Maracanã
São Luís, Maranhão
E-mail: mayannaajs@hotmail.com

Ronaldo Nunes Linhares

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Tiradentes (UNIT)
Aracaju, Sergipe
E-mail: nuneslinhares.ronaldo8@gmail.com

Resumo: A mídia em suas diferentes estratégias de mediação parece influenciar nos hábitos de vida de uma população, interferindo nas escolhas alimentares, na prática de atividades físicas e até mesmo fornecendo informações para prevenção de determinadas doenças, como as sexualmente transmissíveis. Para investigarmos essa influência objetivamos nesse trabalho discutir artigos científicos que debatem sobre a interface Mídia, Educação e Saúde e então observar as impressões positivas e/ou negativas de cada autor sobre essa interface na promoção efetiva da saúde. Os artigos utilizados foram pesquisados nas bases de dados da Scielo, Domínio público e Lilacs no período de 2005 a 2011. Os resultados demonstram o potencial da mídia em interferir no comportamento e saúde da população e que o uso das mídias para educação em saúde é um forte aliado.

Palavras-chave: mídia, saúde, educação.

MEDIA, HEALTH AND EDUCATION: A THEORETICAL STUDY

Abstract: *The media in its different mediation strategies seem to influence the lifestyle of a population, for example interfering in food choices in physical activity and even providing information for prevention of certain diseases, such as sexually transmitted. To investigate this influence, in more depth in this work we aimed to analyze scientific articles to debate on the media interface, Education and Health and then observe the positive impressions and / or negative for each author on this interface in effective health promotion. The articles used were surveyed in SciELO databases, public domain, Lilacs. The results demonstrate the potential of media to interfere in the behavior and health of the population and the use of media is a strong ally for health education.*

Keywords: *media, health, education.*

Recebido em 30/09/2015. Publicado em 30/03/2016.

1. INTRODUÇÃO

As mídias em geral, seja televisiva, rádio ou as que utilizam redes sociais possuem forte influência sobre o comportamento das pessoas. Essas mídias atingem cotidianamente as massas podendo influenciar desde a escolha de alimentos, bem como a escolha de práticas de atividade física.

Na mesma medida que os meios de comunicação podem contribuir para veiculação de informações sobre saúde e prevenção de doenças estes, podem também persuadir seu público de forma prejudicial. De acordo com Bezerra (2013), a mídia cada vez mais está ocupando o espaço antes preenchido pela família, a igreja e a escola na 'educação' dos jovens. Reflexivos com essa função social desempenhada pela mídia, percebemos que no tocante a temática da saúde ela tem investido cada vez mais em espaços para sua discussão. Em especial, a mídia televisiva exerce muita influência em crianças e adolescentes. Muitos comerciais são feitos com um forte apelo pelo consumo que contribui para agravar ainda mais problemas de saúde pública como, a obesidade e a hipertensão, que tem acometido, cada vez mais crianças e jovens. Porém, a mesma mídia televisiva, bem como a comunicação através do Rádio, podem ser importantes ferramentas para divulgação de projetos relacionados a saúde, inclusive projetos relacionados a educação nutricional.

O uso da linguagem radiofônica, videográfica ou mesmo o uso de jornais, blogs, redes sociais com foco na interação das mídias, podem proporcionar a socialização de conhecimentos que melhoram a saúde e a qualidade de vida da população. Chamamos educomunicação a integração entre as áreas da educação e da comunicação para construção de conhecimento de maneira democrática e participativa.

Na área da saúde, a relação educomunicação como espaço de aprendizagem já é bastante utilizada. Conforme Machado e Lacerda (2013) a educomunicação proporciona tanto o aprendizado crítico sobre mídia quanto o fazer midiático que promove a participação. Dessa forma, a educomunicação permite envolver os participantes na conscientização sobre a sociedade e sobre temas de grande relevância social, como a prevenção de doenças e combate às vulnerabilidades, diretamente relacionadas ao cotidiano dos sujeitos envolvidos. Embora já se reconheça a necessidade de um plano de comunicação voltado para promoção da saúde e da alimentação saudável e adequada, as iniciativas ainda são muito tímidas e na prática ainda não

representam a realidade brasileira. Cabe aos profissionais da saúde, nos espaços de trabalho que estão inseridos, quer seja na educação ou em outros contextos, incentivar tais iniciativas na busca de melhorias da qualidade de vida da população. As mídias contribuem para a construção do conhecimento pelos sujeitos que apreendem suas informações. Entretanto, é necessário tanto analisar e até mesmo criticar de uma forma mais ampla, sobre a interferência da mídia sobre os hábitos de vida e consequente impacto sobre a saúde da população, dessa forma propõe-se esse trabalho, que analisa e discute trabalhos que envolvem: Mídias, Educação e Saúde.

Nesse artigo temos como objetivo geral provocar reflexões em torno da importância da utilização da mídia para desenvolvimento de ações em saúde, baseado em levantamentos de estudos na área e como objetivos específicos realizar um levantamento de artigos com o tema: Mídias, Educação e Saúde, identificar nos artigos pesquisados, pontos positivos e/ou negativos encontrados, organizar os resultados, discuti-los.

2. INTERSEÇÕES ENTRE EDUCOMUNICAÇÃO E SAÚDE

Em conformidade com o que afirma Machado e Lacerda (2013), a Educomunicação leva tanto ao aprendizado crítico sobre mídia quanto ao fazer midiático que promove a participação. Dessa forma, a Educomunicação permite envolver os participantes na conscientização sobre a sociedade e sobre temas de grande relevância social, como a prevenção de doenças e combate às vulnerabilidades, diretamente relacionadas ao cotidiano dos sujeitos envolvidos.

Nesta perspectiva, Oliveira e Soares (2013) observam que a Saúde e a Educomunicação são campos coerentes entre si, pois ambos possuem a preocupação em considerar a opinião dos jovens. Assim, o processo educativo é realizado a partir de suas experiências e necessidades, fazendo dos jovens sujeitos políticos, capazes de realizar práticas criativas e de transformar sua compreensão das realidades microssociais, assim como na luta por melhores condições de trabalho e vida, condição fundamental para a transformação da realidade.

Atuar a partir de uma concepção da Educomunicação para a saúde, pode possibilitar a compreensão, de forma cada vez mais ampla, do papel da comunicação como produtora de acesso à cidadania, seja difundindo informações e orientações de caráter coletivo em relação ao desenvolvimento das áreas de saúde, seja ajudando a difundir junto à opinião pública a saúde

como um direito subjetivo (SOUZA; DADALTO, 2009). Dessa maneira, as áreas de educação e comunicação, atuando juntas, colaboram para o fortalecimento do cidadão.

Os meios de comunicação deslocam-se de uma fala para alguém e passam para a perspectiva de uma fala com, de modo que a relação entre receptor e mídia passa a ser menos desigual. No contexto da Educomunicação, o receptor participa, também, como produtor, como alguém que, ao mesmo tempo em que se informa com a mídia, também ganha espaços nos meios de comunicação (SOUZA; DADALTO, 2009).

Em concordância com Souza e Dadalto (2009), Oliveira e Soares (2013) defendem a participação dos meios de comunicação a partir dos contextos sociais, considerando a realidade dos jovens com que se quer dialogar, para que a educação, na perspectiva da Saúde, tenha caráter emancipatório. O uso da linguagem radiofônica, videográfica ou mesmo o uso de jornais, blogs, redes sociais, com foco na interatividade das mídias, proporciona a socialização de conhecimentos que melhoram a saúde e a qualidade de vida da população.

A aproximação da comunidade com os profissionais de saúde, pelo estabelecimento de um diálogo constante, a valorização do saber popular e o uso de uma linguagem menos científica, facilita a apreensão das informações veiculadas. No geral, quando as ações de educação em saúde não são voltadas, especificamente, para realidade da população, a troca de conhecimentos entre profissionais de saúde e comunidade não consegue ser tão efetiva. As ferramentas da educomunicação auxiliam na promoção da saúde em diversas áreas.

Em seus estudos sobre educomunicação comunitária em saúde na prevenção das DSTS/ AIDS, Machado e Lacerda (2013) em experiência com adolescentes do bairro Mãe Luzia, em Natal – Rio Grande do Norte, utilizaram estratégias de comunicação midiática desenvolvidas em oficinas Educomunicativas, para capacitar adolescentes e jovens multiplicadores acerca da prevenção em saúde, a partir da problematização da Educomunicação comunitária em saúde. Com o objetivo de contribuir para a redução das vulnerabilidades a partir da prevenção de DST/AIDS, os pesquisadores consideraram que a informação trabalhada com os adolescentes e jovens desde cedo, na perspectiva de prevenção, é uma importante ação no combate às vulnerabilidades e promoção da saúde coletiva.

Ainda no campo do uso da comunicação no processo de formação de jovens e com o objetivo de modificar o comportamento com relação a HIV/Aids, em 2012, os técnicos Hércules Barros e Maria Rehder, do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde do Brasil, realizaram formação em Educomunicação no continente africano, mais precisamente em Gaborone, capital da Botsuana, demonstrando a validade da estratégia educacional para a prevenção em saúde¹.

A troca de experiência entre profissionais brasileiros e africanos revelou que o ponto chave é a possibilidade de sensibilização que a Educomunicação apresenta, com a construção de estratégias individuais que partem para o coletivo e são feitas na prática. É essencial aproximar o público alvo das ações de comunicação direcionadas para a prevenção, envolver o público na construção da mensagem, dando espaço para a participação, de maneira que as melhores abordagens sejam usadas e suas necessidades sejam contempladas nas campanhas. O que no geral não é realizado, estando, portanto, afastadas da Educomunicação.

Ainda no continente africano, destaca-se a experiência realizada em Guiné-Bissau, voltada para a redução da desnutrição infantil no país². Durante a experiência, tomando por base a Educomunicação, foram desenvolvidas atividades de adaptação da Pirâmide Alimentar para a realidade local, com alimentos regionais e o uso de jornal mural. A escolha dos temas para o jornal mural e os alimentos da pirâmide e guia alimentar elaborados, eram feitas sempre a partir do diálogo, com prioridade para decisões coletivas junto aos moradores das comunidades.

Outra iniciativa, organizada pelo curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), o *Programa Saúde Comunitária*, iniciado em 2004, foi um programa de rádio realizado na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba e distribuído gratuitamente para dez rádios comunitárias e livres do Brasil. Com periodicidade semanal e com duração de dez minutos, participavam do programa enfermeiro, agente comunitário de saúde,

¹ **Botsuana:** Educomunicação para a mudança de comportamento em HIV/Aids – o compartilhar da experiência brasileira. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/intercambio/article/view/13173>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

² UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Departamento de Comunicações e Artes. **Educomunicação na fronteira da nutrição e saúde pública**. Disponível em: <<http://www.cca.eca.usp.br/content/educunicacao-fronteira-da-nutricao-saude-publica>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

auxiliar de enfermagem e nutricionista, este programa passou a ser um diálogo entre os profissionais de saúde e a comunidade (PRADO, 2011).

Nas práticas Educomunicativas em saúde, percebe-se que o rádio se destaca por ser uma mídia de baixa complexidade, de amplo alcance, de fácil operação e é um meio de comunicação de grande utilidade para ações educativas em saúde. Este aproxima o público produtor do material radiofônico ou mesmo os ouvintes dos profissionais de saúde, tornando-os sujeitos ativos do processo de aprendizagem.

No Brasil, estudantes de Nutrição da Universidade de São Paulo vêm desenvolvendo experiências Educomunicativas para fins de educação nutricional, com a produção de programas de vídeo e rádio, no intuito de incentivar uma alimentação saudável³. Nesse sentido, é possível realizar atividades educativas de maneira inovadora, informal e divertida com foco no público alvo, retirando do professor ou profissional a figura central do processo, com espaço para o sujeito opinar no uso das ferramentas adotadas, nos temas de interesse, para torná-lo realmente envolvido no processo e, com isso, contribuir para a adoção de algum tipo de mudança no comportamento, mudança esta, promotora de práticas saudáveis.

Temas como o consumo excessivo de açúcar, significado das informações contidas nos rótulos dos produtos industrializados, males causados pela gordura trans, sódio e dicas de alimentos que devem ser escolhidos para o lanche das crianças na escola foram destaque das atividades desenvolvidas pelos estudantes de Nutrição da USP (FSP, 2012).

Os nutricionistas podem utilizar conceitos e métodos da Educomunicação para interferir na sociedade, estimulando a participação popular nas decisões sobre alimentação, como forma de promover saúde e prevenir doenças. Os impactos seriam na construção de uma “[...] sociedade saudável, equilibrada e consciente sobre sua saúde e a saúde do mundo”. (FSP, 2012). Dessa forma, a Educomunicação emerge como uma estratégia para o desenvolvimento de programas de educação nutricional, interligando as áreas da educação, comunicação e ciência da nutrição com

³ NET EDUCAÇÃO. **Projetos de educomunicação fazem avanços para a saúde.** Disponível em: <<http://www.neteducacao.com.br/noticias/home/projetos-de-educomunicacao-trazem-avancos-para-a-saude>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

envolvimento dos sujeitos no processo de aprendizagem de forma dinâmica e interativa, com a finalidade de modificar hábitos alimentares e de vida para a promoção da saúde.

No Brasil, também o Ministério da Saúde, visando à promoção de hábitos de vida e alimentação saudável, desenvolve ações de comunicação voltadas para a temática. No ano de 2005, por exemplo, a alimentação e nutrição, foram trabalhadas em peças publicitárias do *Pratique Saúde*, mídia destinada à promoção de saúde e prevenção de doenças crônicas não transmissíveis. Dentre os conteúdos das campanhas destacam-se: obesidade, diabetes, hipertensão e cuidados de saúde no verão.

Em paralelo, realizou-se a *Rádio Câmara*, spots de rádio sobre alimentação saudável, vigilância alimentar e nutricional, que veiculam atualmente nesta Rádio e são disponibilizados via internet para quaisquer rádios comunitárias que desejem veicular os spots em sua programação. Ainda dentre as ações empreendidas nessa área, em 2006 foi elaborada uma rádio novela sobre promoção da alimentação saudável nas escolas (BRASIL, 2010).

No nordeste brasileiro, Normande e Freitas (2007) descrevem a utilização de uma Rádio Escola na rede pública de ensino de Maceió com aproximadamente 1200 crianças de áreas periféricas no projeto de extensão *Salada Mista: Saúde, Comunicação e Educação em Segurança Alimentar*. A opção pela Rádio Escola, conforme os pesquisadores, ocorreu justamente pelo baixo custo de instalação, por poder despertar maior interesse e integração dos envolvidos, promover uma reflexão sobre a importância da alimentação saudável na qualidade de vida de todos e como uma forma de estimular o uso de mídias diversas na prática educacional.

Na experiência ocorrida em Maceió, embora inicialmente a Rádio Escola tenha sido atrativa para os alunos e bem recebida pela equipe de diretores, professores e pais de alunos, a proposta inicial de discussão sobre temas de Segurança Alimentar não foi concretizada. Conforme mencionam os autores, mesmo utilizando linguagem adequada para o público, os programas não eram mais atrativos para o público e a rádio transformou-se em um espaço para expressão de linguagem, com perda do foco proposto a princípio.

Weiss, Signori e SulzBach (2013) também, a partir da mídia rádio, desenvolveram o projeto *“Projeto de Extensão Rádio e Saúde: promovendo ações de comunicação em saúde e educação*

nutricional” como ferramenta para o desenvolvimento das ações de educação nutricional e de comunicação em saúde. A iniciativa buscou aproximar a universidade do cotidiano da população de Palmeira das Missões/RS e região. Os programas ocorrem semanalmente, ao vivo, com duração de 15 minutos na Rádio Comunitária Landell FM 87.9, no município de Palmeira das Missões/RS.

A elaboração dos programas acontece na universidade sob orientação de uma nutricionista envolvida no projeto, observando conteúdos atuais e a utilização de linguagem acessível à população. Alunos voluntários são responsáveis pela apresentação dos programas. Os temas trabalhados partem das necessidades da realidade local, com adequação de termos técnicos para a linguagem popular, a fim de facilitar a compreensão e produzir uma abordagem educativa mais eficaz. Com base no descrito, percebe-se a presença de elementos Educomunicativos na proposta desse projeto. A finalidade do programa é informar sobre assuntos de saúde, como estilo de vida e alimentação saudável. A intenção de causar reflexões no ouvinte sobre o autocuidado, o modo de vida e o impacto na saúde são também objetivos do programa.

Como afirma Almeida (2012), é fundamental que os meios de comunicação atuem na qualidade de vida dos cidadãos, no caminho para alcançar o bem-estar social, utilizando-se de todas as suas possibilidades para a promoção da saúde. Na sociedade atual, as mídias estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, dessa forma, não se pode deixá-las isoladas do campo da saúde pública.

É fato que a propaganda de alimentos saudáveis de maneira isolada não é suficiente para a mudança de hábitos, mas a promoção desses alimentos nas mídias é uma estratégia importante no sentido de estimular hábitos alimentares e se faz necessária para contribuir com a informação e divulgação de seus benefícios. Garantir a mudança de hábitos alimentares, especialmente de adolescentes, é um caminho longo a ser percorrido, pois esta é uma questão complexa, de ordem multifatorial e depende, além de vontade própria, da influência da família, educação e apoio profissional.

A construção de conhecimentos de maneira conjunta é possível ser alcançada pela Educomunicação com aproximação dos sujeitos e profissionais da comunicação, educação e saúde. No contexto apresentado em que a mídia influencia comportamentos diretamente relacionados à saúde da população, é importante intervir na problemática em associação com a

área da Educomunicação, na busca por resultados efetivos em que o sujeito é também o produtor de sua aprendizagem. Esse cenário propicia a adoção de uma postura crítica diante dos meios de comunicação e mudanças de atitudes alimentares que podem possibilitar mais saúde e qualidade de vida a população.

Como ocorre esse processo no espaço escolar? Como os jovens alunos, em seu espaço de formação, podem usar o rádio para produzir e divulgar informações coerentes sobre saúde e, em especial, sobre alimentação? E como esse processo pode gerar conhecimento para os responsáveis pelos programas e para os ouvintes?

Embora já se reconheça a necessidade de um plano de comunicação voltado para a promoção da alimentação saudável e adequada, as iniciativas ainda são muito tímidas e na prática ainda não representam a realidade brasileira. Cabe aos profissionais da saúde, nos espaços de trabalho que estão inseridos, quer seja na educação ou em outros contextos, incentivar tais iniciativas na busca de melhorias da qualidade de vida da população.

Com o objetivo de estimular o uso do rádio nas escolas brasileiras, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação a Distância, criou o programa “Radio Escola” como forma de estimular os docentes do Brasil a utilizarem as ferramentas do rádio como recurso didático pedagógico⁴. O programa foi criado em 1997 e teve sua primeira fase entre dezembro de 1997 e fevereiro de 2003.

Em 2006, o programa foi retomado após ter ficado três anos fora do ar. A transmissão feita de segunda-feira a sexta-feira, com cerca de 20 minutos de duração, no horário das 20h, é veiculada pelas rádios Nacional de Brasília (AM, 980kHz), Nacional da Amazônia (OC, 11.780kHz/25m e 6.180kHz/49m) e pelo satélite da Radiobrás para todo o Brasil (Banda C, 3.770 MHz, polarização horizontal), além de outras duas mil emissoras parceiras espalhadas por todo o País. O programa se baseia em temas como ensino fundamental, educação infantil e promoção dos direitos da infância e da adolescência, do idoso e dos indivíduos com deficiência.

⁴ Programa de rádio Escola Brasil reestreeia renovado. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7222&catid=210>. Acesso em: 10 ago. 2015.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Foi feita uma revisão sistemática sobre o tema mídias na promoção da saúde, com o objetivo de responder se há evidências de que a informação de saúde, veiculada por meio das mídias sejam impressas, televisiva, digital ou rádio, gera impacto positivo ou negativo na promoção da saúde da população.

Podemos definir revisão de literatura como a busca de informações sobre um tema ou tópico. O principal objetivo da revisão de literatura é fornecer uma síntese dos resultados de pesquisa, para auxiliar o profissional a tomar decisões. Neste tipo de estudo são abordados os tópicos relevantes sobre o tema, de forma a proporcionar ao leitor uma compreensão do que existe publicado sobre o assunto. Assim, a revisão tem uma função integradora e facilita o acúmulo de conhecimento.

Na identificação das fontes bibliográficas foram utilizadas as bases de dados: Scielo, Domínio público, Lilacs. Foram localizados 12 (doze) publicações referentes ao tema mídias na promoção da saúde publicados no período de 2005 a 2014.

Como estratégia de busca utilizou-se das seguintes palavras-chave presentes no título ou assunto da publicação: Mídias, Educação, Saúde. Foram excluídos da análise artigos que não estejam disponíveis gratuitamente na íntegra e em língua portuguesa; trabalhos de revisão sistemática de literatura. Nos artigos selecionados foi feito um levantamento dos objetivos, temas de pesquisa e resultados descritos e analisados nas publicações apresentados na próxima sessão.

A seguir, apresentamos no quadro 1 a síntese dos resultados considerando as mídias e temas/objetivos dos artigos.

Quadro 1. Síntese dos resultados dos artigos avaliados.

Tema/Objeto	Mídia	Campo/Sujeitos
Revisão Bibliográfica	Rádio	Produções sobre o radio na promoção da saúde
	Mídias Digitais/Web	O Uso das mídias digitais na educação em Saúde
Estudos avaliativos sobre a influência das mídias	TV	Quadro medida certa
	Não identificado	Como a mídia pode contribuir tanto para o consumo de drogas lícitas e ilícitas
	Twitter	Análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter
	Televisao/Pu blicidade	Influência que o marketing exerce no comportamento alimentar de crianças e

		adolescentes
		Escolhas alimentares de crianças e adolescentes expostos e não expostos a propagandas de alimentos veiculadas pela televisão.
		Sentidos atribuídos pelos adolescentes à violência na mídia
	Impresso	Como a mídia impressa trabalha as matérias relacionadas a saúde sexual de adolescentes
Práticas educomunicativas	Rádio	Rádio na Escola como ferramenta de cidadania
		Rádio-Escola na Construção de Saberes e Práticas em Educomunicação em Saúde. Experiência projeto de extensão “Salada Mista: Saúde, Comunicação e Educação em Segurança Alimentar
		Educação Experiência Popular em Saúde via Rádio Comunitária
	Não identificado	Oficinas com jovens de educomunicação em saúde atuando na prevenção das DSTS/ AIDS

Fonte: Dados da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de Cruz *et al.* (2011) intitulado “O uso das mídias digitais na educação em Saúde” é uma produção científica de pesquisadores de Uberlândia – MG e publicada na revista da Fundação Carmelita Mário Palmério de Monte Carmelo – MG. O estudo versa acerca do uso das mídias digitais na educação em saúde, publicada entre os anos de 2000 e 2011. O autor, encontrou 19 (dezenove) publicações sendo 1 (5%) brasileira e 18 (95%) estudos internacionais. Cruz *et al.* (2011), perceberam nos artigos analisados uma expectativa de crescimento astronômico das mídias digitais e seu uso na educação em saúde. Os autores também acreditam que a *web* possa funcionar como uma escola virtual baseada no conhecimento sem fronteiras para a educação dos médicos/estudantes, profissionais de saúde e pacientes. Esse estudo demonstrou que a tecnologia eletrônica fornece recursos de grande relevância para ensino e aprendizagem ligados a saúde.

Em 2013, Bezerra, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) publicou o trabalho com o tema *Educação em saúde e mídia uma proposta na “Medida Certa”*. A pesquisa foi publicada na revista online de educação física da Universidade Estadual de Goiás. O autor investigou de que forma o quadro “Medida certa”, apresentado pelo programa Fantástico da emissora Rede Globo de Telecomunicações, oportunizou o debate e ações sobre a educação em saúde durante o seu desenvolvimento. O trabalho também objetivou analisar através do diálogo entre mídia e educação uma proposta pedagógica para as discussões sobre saúde no contexto

escolar, especialmente no contexto das aulas de Educação Física. O trabalho foi realizado através da aplicação de questionários com estudantes de escolas públicas, bem como para professores de Educação Física. O autor, através da análise dos questionários, observou que o quadro “Medida certa” e quadro similares incentivavam positivamente para realizar atividade física e fazer “Dieta”. Professores e especialmente alunos responderam que se sentem mais confiante e motivados a realizar atividade física assistindo ao quadro bem como assistindo outros programas similares.

Além disso, o autor percebeu bastante receptividade entre os jovens e motivação em discutir sobre o quadro Medida Certa, portanto o autor espera que a mídia-educação possa ser mais utilizada como recurso metodológico do ensino, para a partir do seu auxílio articular o debate dos diferentes conteúdos e temas que são significantes na atuação dos professores e na aprendizagem dos alunos.

O artigo “Revisão Sistemática sobre o Impacto do Rádio na Promoção da Saúde”, trabalho de pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), publicado por Silva et al (2008) é uma revisão sistemática sobre o tema do rádio na promoção da saúde e teve como objetivo responder se há evidências de que a informação de saúde, veiculada por meio do rádio, gera impacto positivo na promoção da saúde da população. Os autores estudaram 25 artigos sobre o tema, englobando o período de 1998 a 2008. A análise obtida no trabalho indicou que há evidências de que a informação sobre saúde, veiculada pelo rádio, amplia o conhecimento da população e, por consequência, amplia o potencial de melhoria da saúde pública, particularmente aquela que vive longe dos grandes centros urbanos, uma vez que pode influenciar na escolha de hábitos de vida mais saudáveis.

Em seu artigo “Educomunicação: O rádio como ferramenta da cidadania” dos pesquisadores paulistas Ramos e Faria (2014) teve como objetivo analisar como a educomunicação inserida no ambiente escolar e mediada por um educador contribui através da rádio escolar para a formação dos alunos como cidadãos dotados de capacidade crítica e inteligência criativa, desenvolvendo as potencialidades que já estão no indivíduo e trabalhando com as percepções e necessidades do aluno. Foi possível com esse trabalho, observar algumas questões nítidas acerca do desenvolvimento da atividade de rádio escolar nas escolas que aderiram ao Programa Mais Educação. Através das atividades de rádio, a escola, além da aproximação com a realidade dos

alunos e da reflexão crítica sobre os meios, pode ser eixo integrador da comunidade, formando cidadãos multiplicadores do conteúdo crítico acerca da mídia naquilo que condiz com a realidade em que estão inseridos.

O trabalho “Educação Sobre Drogas na Perspectiva da Saúde Coletiva” desenvolvido por Oliveira e Soares (2013), pesquisadoras da Universidade de Paulo (USP) teve como objetivo analisar de que forma a mídia pode contribuir tanto para o consumo de drogas lícitas e ilícitas, quanto para alertar sobre os perigos do uso desses tipos de drogas. O projeto foi realizado através de oficinas com a participação de jovens e adultos a partir de 15 anos de idade, durante as oficinas foram aplicados questionários onde 70% dos jovens afirmaram ser influenciado de alguma forma por alguma mídia para o uso de álcool ou cigarro. Os autores chegaram as seguintes conclusões: para que os problemas e necessidades dos jovens sejam efetivamente considerados nas mensagens da mídia os jovens devem ser chamados a participar das programações midiáticas desde o planejamento das ações, partindo-se dos contextos locais próximos às suas realidades, que são distintas de acordo com a classe social a que pertencem.

Machado e Lacerda (2013) pesquisadores respectivamente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) publicaram o estudo “Educomunicação comunitária em saúde atuando na prevenção das DSTS/AIDS” realizado com adolescentes do bairro Mãe Luzia, em Natal – Rio Grande do Norte. Utilizaram estratégias de comunicação midiática desenvolvidas em oficinas educacionais para capacitar adolescentes e jovens multiplicadores sobre prevenção em saúde e problematizaram a educomunicação comunitária em saúde. Para os autores a informação trabalhada com os adolescentes e jovens desde cedo na perspectiva de prevenção é uma importante ação no combate às vulnerabilidades em saúde.

O estudo “A promoção da saúde nas mídias sociais – Uma análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter” realizada por Almeida (2012) na Universidade Federal de Goiás (UFG), teve o objetivo responder ao questionamento: “como as mídias sociais podem atuar de forma positiva na educação para a saúde?” Avaliou a presença do Ministério da Saúde no Twitter por meio da análise de 509 mensagens publicadas em seu perfil oficial, @minsaude, entre 4 e 18 de agosto. A autora relatou que a mera divulgação de dados ou ações do governo não se constitui em uma real

promoção da saúde, pois apenas informam e não levam à conscientização. Estatísticas desprovidas de contexto e discussão não constroem conhecimento e não contribuem para o exercício da cidadania, o que acontece no caso do perfil do Ministério da Saúde no Twitter.

O artigo “A influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes” desenvolvida por Moura (2010), pesquisadora da USP teve como objetivo elaborar uma revisão sobre a influência do marketing no comportamento alimentar de crianças e adolescentes e apontar como o tempo excessivo gasto com a televisão pode levar à inatividade física e consequente obesidade desse público. Observou-se que é grande a influência que o marketing exerce no comportamento alimentar de crianças e adolescentes bem como o tempo gasto com a televisão e jogos eletrônicos. A autora afirma que a Educação Nutricional é uma importante ferramenta para combater a influência negativa do marketing sobre as crianças e adolescentes. Além da educação nutricional, faz-se necessário uma regulamentação das propagandas de alimentos direcionadas ao público infantil e jovem a fim de combater os maus hábitos alimentares e a inatividade física.

Mattos et al (2010), pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo e da Universidade de Ribeirão Preto, no artigo “Influência de propagandas de alimentos nas escolhas alimentares de crianças e adolescentes”, avaliou escolhas alimentares de crianças e adolescentes expostos e não expostos a propagandas de alimentos veiculadas pela televisão. Grupos controle (n = 30) e experimental (n = 30) foram pareados segundo sexo (50% feminino) e idade ($10,1 \pm 1,4$ anos). Participantes assistiram a um desenho animado de 21 minutos, com dois intervalos comerciais que veicularam oito diferentes propagandas. O grupo controle assistiu a propagandas de brinquedos, e o grupo experimental, de alimentos. Imediatamente após, fotos dos alimentos anunciados foram apresentadas com imagens de um produto: similar, mais saudável e uma fruta. O método Anova mostrou efeito significativo de categoria [$F(3, 216) = 126,6; p < 0,05$]. O teste post hoc de Newman-Keuls demonstrou que alimentos anunciados foram mais escolhidos do que os outros produtos. Além disso, o grupo controle escolheu mais produtos similares do que o experimental. O estudo conclui que a exposição a propagandas de alimentos pode influenciar nas escolhas alimentares de crianças e adolescentes.

O estudo qualitativo “Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia” de Njaine (2006), pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública - Fio Cruz investigou os sentidos atribuídos pelos adolescentes à violência na mídia, especialmente na televisão, e as formas como esses adolescentes interagem com o meio, utilizou a técnica de grupos focais que procura contemplar as opiniões, os valores e as percepções de um determinado grupo que compartilha características identitárias semelhantes. O trabalho buscou compreender os significados atribuídos pelos adolescentes à violência representada na mídia.

A pesquisa elaborou um roteiro de entrevistas sobre questões gerais relacionadas ao hábito de ver televisão, preferência da programação, opiniões sobre a imagem dos jovens na televisão, relações de consumo, mediações da família; e questões específicas sobre os sentidos atribuídos à violência representada na mídia.com alunos das sétimas e oitavas séries do ensino fundamental do município de São Gonçalo/RJ, em duas escolas públicas e duas escolas privadas. Concluindo que um dos desafios para a área de saúde pública está na ampliação da sua atuação na prevenção da violência, tendo em conta a importância da mídia no discurso da violência. Apontando, como aspecto positivo da mídia, a parceria na educação e promoção da saúde de crianças e adolescentes.

Na pesquisa “A mídia na informação sobre saúde sexual” de Monteiro e Monteiro (2005), pesquisadores do Rio de Janeiro, respectivamente da Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fio Cruz) buscou avaliar como a mídia impressa vem trabalhando as matérias relacionadas a saúde sexual de adolescentes e se está cumprindo seu papel na divulgação da informação científica. O estudo foi realizado a partir de leituras diárias, durante os meses de fevereiro e março de 2004, as editorias de Ciência e Saúde, do jornal O Dia e Ciência e Vida, do jornal O Globo, de onde foram destacadas as matérias relacionadas à saúde sexual da população, foram contabilizadas as informações sobre as doenças de transmissão sexual, prevenção de doenças e gravidez, comportamento sexual, serviços públicos de assistência e saúde da mulher. Os resultados mostraram que entre as doenças somente foram citadas a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), a infecção pelo papilomavírus humano (HPV) e a hepatite B, com maior destaque para a primeira. Em relação à prevenção das doenças e ao comportamento sexual, foi observado que a imprensa mostra-se empenhada. No entanto a

pesquisa mostrou que foram pouco valorizados assuntos sobre contraceptivos hormonais e sobre o acesso aos serviços públicos de saúde.

O estudo de Prado (2011) “Construindo Cidadania: Educação Popular Via Rádio Comunitária” trata-se de uma proposta organizada pelo curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), o *Programa Saúde Comunitária*. Iniciado em 2004, o *Programa Saúde Comunitária* foi um programa de rádio realizado na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba, capital do Paraná e transmitido gratuitamente para dez rádios comunitárias e livres do Brasil. Posteriormente, na cidade de Rio Negro foi desenvolvida a segunda etapa do *Programa Saúde Comunitária*, na cidade de Rio Negro – MS, tendo funcionado até 2008. Com periodicidade semanal e com duração de dez minutos, participavam do programa enfermeiro, agente comunitário de saúde, auxiliar de enfermagem e nutricionista. Inicialmente foram produzidos textos sobre as temáticas de saúde. Depois os textos deixaram de ser produzidos previamente e o ouvinte passou a participar diretamente da programação. O *Programa Saúde Comunitária* passou a ser um diálogo entre os profissionais de saúde e a comunidade e conforme o autor contribuiu para a saúde da população. No nordeste, Normande e Freitas (2007) descrevem no artigo “Experienciando a Rádio-Escola na Construção de Saberes e Práticas” a utilização de uma Rádio Escola na rede pública de ensino de Maceió. A experiência foi realizada com aproximadamente 1200 crianças de áreas periféricas no projeto de extensão “Salada Mista: Saúde, Comunicação e Educação em Segurança Alimentar”. A opção pela Rádio Escola, conforme os pesquisadores ocorreu justamente pelo baixo custo de instalação, por poder despertar maior interesse e integração dos envolvidos, promover uma reflexão sobre a importância da alimentação saudável na qualidade de vida de todos e como uma forma de estimular o uso de mídias diversas na prática educacional. Na experiência ocorrida em Maceió, embora inicialmente a Rádio Escola tenha sido atrativa para os alunos e bem recebida pela equipe de diretores, professores e pais de alunos a proposta inicial de discussão sobre temas de Segurança Alimentar não foi concretizada. Conforme mencionam os autores, mesmo utilizando linguagem adequada para o público os programas não era mais atrativos para o público e a rádio transformou-se em um espaço para expressão linguagem com perda do foco proposto a princípio.

5. CONCLUSÕES

A análise dos trabalhos estudados no presente artigo indicou a presença de evidências de que a informação sobre saúde, veiculada pelas mídias, pode ampliar o conhecimento da população e, por consequência, ampliar o potencial de melhoria da saúde pública. As mídias em geral podem interferir na escolha de hábitos quer sejam alimentares ou em outras maneiras de auxiliar na busca por um estilo de vida saudável e pela prática de uma atividade física e até mesmo podem auxiliar os jovens na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

A maioria dos trabalhos descreveram experiências que demonstraram como a utilização de mídias pode interferir positivamente no processo ensino aprendizagem levando a uma maior participação dos sujeitos envolvidos. Especialmente quando se utilizam do campo da Educomunicação para estabelecerem tais práticas isso fica ainda mais evidente.

Por outro lado, podemos também perceber nos trabalhos selecionados e analisados, que as mídias podem ter influência pouco construtiva, sobretudo para adolescentes quando disseminam informações, imagens e programas com violência, utilização de drogas lícitas e ilícitas, padrões estéticos e de consumo alimentar pouco recomendados. Neste caso, a educação para a mídia, pela mídia e com a mídia são opções da educomunicação podem e devem estar presentes no espaço escolar e contribuir para desenvolver um olhar crítico sobre o discurso midiático, o que a UNESCO entende por letramento multimidiático.

Considerando toda a capacidade que a mídia carrega de influenciar a população é necessário que esta população esteja preparada para ler criticamente suas mensagens e informações. É importante também que as experiências educacionais tratem as informações, sejam bem planejadas e que os profissionais que trabalham com comunicação tenham mais consciência do poder da sua informação e de seu papel educativo, garantindo informação de qualidade e positivas à população, pois, assim, poderão contribuir para influenciar os rumos das políticas públicas na área da saúde. Vale destacar neste campo o lugar da mídia impressa, somente um estudo tem esta mídia como locus de pesquisa. Fruto da decadência dos jornais impressos em nossa sociedade digital? Resultados de uma sociedade pouco afeita a leitura e/ou sem condições econômicas para tal?

Neste recorte de estado da arte, o levantamento permitiu identificar os temas relacionados à saúde mais trabalhados foram os relativos ao uso de drogas, saúde sexual, violência, alimentação, além da temática saúde de forma abrangente sem foco ou subtema específico. Em relação às mídias objeto destes estudos na função de mediadoras das ações educacionais destacam-se o rádio e a televisão, posteriormente as mídias sociais a exemplo do Twitter ou estudos mais amplos da educação com diversas mídias.

Numa perspectiva espacial, a maioria das pesquisas relacionadas à mídia, saúde e educação estão vinculadas a Universidades do eixo Sul e Sudeste do Brasil com destaque para as instituições do estado de São Paulo, em seguida temos menor participação das instituições do Nordeste, Norte e Centro-Oeste do Brasil. Concentram-se nas regiões Sul e Sudeste as maiores instituições no campo do ensino e da pesquisa em saúde, a exemplo da Fundação Oswaldo Cruz, USP, UNICAMP e UFMG, que atuam nesta área. São instituições com programas de pós graduação mais antigos e com um quadro de formação consubstanciado.

Os trabalhos de revisão bibliográfica nos apontam para a importância das mídias, sejam elas dialógicas ou digitais para a educação em saúde. Destacamos que o estudo sobre o lugar das mídias digitais na educação em saúde ainda é pouco estudado no Brasil, pois a maioria (95%) dos artigos encontrados se referem a estudos internacionais. A segunda revisão chama atenção pela importância histórica do rádio no processo de educação e em especial educação para a saúde no Brasil. Dos 25 artigos sobre o tema, englobando o período de 1998 a 2008 nos permite afirmar que a informação sobre saúde, veiculada pelo rádio, permite o acesso da maioria da população, alfabetizada ou não, sobre saúde e, por consequência, amplia o potencial de melhoria da saúde pública, particularmente aquela que vive longe dos grandes centros urbanos, uma vez que pode influenciar na escolha de hábitos de vida mais saudáveis.

Merece destaque os estudos que avaliam o impacto das mídias no consumo e hábitos socio-culturais que afetam direta ou indiretamente a saúde, principalmente na percepção de crianças e jovens. Este é um dos temas mais recorrente nos estudos que tratam das mídias na sociedade. A positividade destes estudos está na contribuição que podem trazer para a construção de práticas educacionais críticas, que considerem a importância das mídias como espaços comunicativos,

mas atuem na formação de sujeitos que possam se educar com as mídias, pelas mídias e a partir das mídias.

A percepção de como espaços educativos e, da necessidade de conhecer e dominar os mecanismos de produção da informação e suas linguagens para construir produtos midiáticos educativos, nos parece ser o espaço de atuação das práticas educacionais que destacamos no quadro síntese. Na escola ou em comunicados, com ações de produção colaborativa da informação, as experiências envolvendo o rádio apontam para um exercício de uso consciente da mídia para educação e posicionamento crítico dos sujeitos no campo da saúde.

A relação mídias e educação podem ser aprimoradas como estratégia para promover práticas de aprendizagem, leitura crítica de meios, debates sobre temas de saúde e prevenir vulnerabilidades em diversos grupos, especialmente entre os jovens quando inseridos no processo de problematização e conscientização de temas próximos à sua realidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), câmpus São Luís Maracanã, pela concessão de licença a pesquisadora Mayanna de Jesus Silva para cursar o Mestrado em Educação na Universidade Tiradentes (UNIT – Aracaju/SE) e ao Programa de Bolsa de Incentivo à Qualificação de Servidores do IFMA pela bolsa ofertada à servidora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. **A promoção da saúde nas mídias sociais – uma Análise do perfil do Ministério da Saúde no Twitter**. 2012. 85 f. Monografia (Curso de Graduação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2012.

BEZERRA, H.P.O. Educação em saúde e mídia: uma proposta na “medida certa”. **Praxia Rev. line Educ. Física da UEG** (ISSN 2317-7357), v. 1, n. 2, p. 80-97, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica e Comissão Intersetorial de Alimentação e Nutrição do Conselho Nacional de Saúde. **Documento-base de subsídio do Seminário Estadual de Alimentação e Nutrição no SUS**. Brasília: MS; 2010.

CRUZ, D.I.P; PAULO, R.R.D; DIAS, W.S; MARTINS, V.F; GANDOLFI, P.E. O uso das mídias digitais na educação em saúde. **Cad. da FUCAMP**, v. 10, n. 13, p. 130-142, jan. 2011.

FSP. FACULDADE SUDOESTE PAULISTA. **Alunos do Curso de Nutrição da USP produzem vídeos sobre educação nutricional**, 2012. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/site/noticias/mostrar/2751>>. Acesso em: 28 set. 2014.

FSP. FACULDADE SUDOESTE PAULISTA. **FSP USP recebe visita de um dos principais teóricos da Educomunicação da América Latina**. 2012. Disponível em: <<http://www.fsp.usp.br/site/noticias/mostrar/2586>>. Acesso em: 28 set. 2014.

MACHADO, D; LACERDA, J. Educomunicação comunitária em saúde atuando na prevenção das DSTS/AIDS. **Revista Latino Americana de Ciências de La Comunicación**. Portugal, v. 10, n. 19 (10), 2013. Disponível em: <www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/download/523/310>. Acesso em: 30 out. 2014.

MATTOS, M. C; NASCIMENTO, P. C. B. D; ALMEIDA, S. S; COSTA, T. M. B. Influência de propagandas de alimentos nas escolhas alimentares de crianças e adolescentes. **Rev. Psicol. - Teor. e Prática**, v. 12, n. 3, p. 34-51, mar. 2010.

MONTEIRO, R. L. M; MONTEIRO, D. L. M. A mídia na informação sobre saúde sexual. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 1, p. 17-28, 2005.

MOURA, N. C. Influência da Mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes. **Segurança Alim. e Nutr.**, v. 17, n. 1, pp. 113-122, 2010.

NJAINE, K. Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia. **Interface - Comun. Saúde Educ.**, vo. 10, n. 20, p. 381-392, dez. 2006.

NORMANDE, N. L; FREITAS, A.F.R. Experienciando a Rádio-Escola na Construção de Saberes e Práticas. Em: **SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO**, 5, 2007, São Paulo, Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo: INTERCOM, 2007

OLIVEIRA, E; SOARES, C, B. Educação sobre Drogas na Perspectiva da Saúde Coletiva. **Saúde. & Transformação**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 32-37, 2013.

PRADO, V. E; MARTINS, F. L; MATTOS, M.C; SANTOS, A.L.S. **Construindo Cidadania: Educação Popular Via Rádio Comunitária**. Arquivo Ver. APS. v. 14 n. 4, p. 497-501, out./dez., 2011.

RAMOS, P; FARIA, M. A. Educomunicação: o rádio como ferramenta da cidadania. **Rev. Eletrônica Saberes da Educ.**, v. 5, n. 1, 2014.

SILVA, R. P; COSTA, T. M.; HUMME, A. D; GOSCIOLA, V; PISA, I.T. **Revisão Sistemática sobre o Impacto do Rádio na Promoção da Saúde**. 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6838394-Revisao-sistematica-sobre-o-impacto-do-radio-na-promocao-da-saude.html>>. Acesso em: 30 out. 2014.

SOUZA, F. M. S; DADALTO, M. C. Educomunicação e Saúde: interdisciplinaridade nas ondas do rádio. Em: **SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO**, 14, 2009, Rio de Janeiro. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2009.

WEISS, E; SIGNORI, S; SULZBACH, C. Projeto de Extensão Rádio e Saúde: promovendo ações de comunicação em saúde e educação nutricional. **Resumos da Jornada de Estudos e Semana Acadêmica do Curso de Nutrição**, v. 1, 2013. Disponível em: <<http://sites.multiweb.ufsm.br/janutricao/index.php/resumos/resumos-2013/48-projeto-de-extensao-radio-e-saude-promovendo-acoes-de-comunicacao-em-saude-e-educacao-nutricional>>. Acesso em: 15 ago. 2015.